

RUÍDOS INTRALITERÁRIOS: DEFLAGRADORES DAS REFLEXÕES INTROSPECTIVAS NAS PERSONAGENS DE ADELINO MAGALHÃES.

Stela de Castro Bichuette (PG- UEL)

Ecos onomatopéicos são traços marcantes que se espalham por grande parte da obra contística de Adelino Magalhães (1887-1969). Tais ruídos refletem a angústia das personagens fazendo com que questões do subconsciente comecem a se iluminar nas lembranças e reminiscências das mesmas. Através desse recurso estilístico, o narrador consegue penetrar na consciência das personagens e retratar o momento singular pelo qual elas passam. Assim, os barulhos ajudam na elaboração da atmosfera dos contos.

A retratação desses ecos faz com que o leitor perceba o momento desencadeador do devaneio, ou seja, quando a realidade objetiva é quase completamente vedada e prevalece, em maior grau, a subjetividade das personagens. São tique-taques de relógios, gotejar de chuva, buzinas de caminhão, ruídos de animais, que na construção dos contos alicerçam a composição do ambiente onde se misturam cheiros, sons e imagens.

Nas narrativas em que há a representação de sons na construção textual, esses ruídos, que são ouvidos pelas personagens, operam no intuito de elaborar um universo subjetivo onde as questões angustiantes, sobre a miséria do ser e a moralidade humana, as perturbem a partir do incômodo provocado pelos ecos e ruídos exteriores. É então importante, através desse ângulo, focalizar que os barulhos na produção do autor despertam um prolongamento das marteladas infrapsicológicas originadas na inconsciência das personagens e que, até aquele momento, estavam adormecidas.

Desse modo, este estudo tem a intenção de verificar no conto “Francisco”, inserido dentro do primeiro livro do escritor, *Casos e Impressões*, de 1916, como os ecos onomatopéicos proporcionam uma narrativa impressionista que se distancia da maioria da produção contística do começo do século XX e deixa evidentes as experimentações estéticas de Adelino Magalhães.

Casos e Impressões foi dividido pelo autor em cinco grupos temáticos. O conto “Francisco” faz parte do último grupo de contos, que tem nome homólogo ao da obra. Essa última divisão é a que desperta maior atenção por parte daqueles que se

interessaram em estudar a obra de Adelino Magalhães. Não é difícil imaginar o porquê dessa preferência, pois, nesses últimos contos, o desregramento da linguagem, a fragmentação, os monólogos e o subjetivismo ganharam muito maior destaque, no conjunto, do que nos contos anteriores. Esses contos finais são compostos de sete histórias: “Pássaro Morto”, “Loba”, “Francisco”, “Gari”, “Na encruzilhada”, “João Amazonas”, “Sonho acordado de uma noite de estio”. Sendo que excetuando “João Amazonas” e “Na Encruzilhada”, os demais são monólogos interiores. De acordo com Sonia Brayner:

A última seção de *Casos e Impressões* apresenta de forma flagrante em seus sete contos essa encruzilhada em que se acha o conto, que recebe, então, a mesma amplificação de conceito ficcional que o romance da época. Tendem à subjetividade lírica máxima do poema em prosa, obedecendo às condições de brevidade e concentração que lhe são essenciais.(BRAYNER, 1979, p. 189).

Eugênio Gomes afirma que a obra de Adelino Magalhães é quase toda composta de forte estrutura subjetivista e de grande introspecção psicológica. Para o crítico, o conto “Francisco” é o ponto de partida de uma excursão onde o que prevalece é “a realidade mental sobre o ambiente físico” (GOMES, 1963, p. 60). O conto “Francisco” é, portanto, de forma caracteristicamente impressionista, a retratação do processo de construção introspectiva dos sentimentos da personagem através da lembrança, da recordação e da reflexão.

A história de “Francisco” é curta, no entanto, densa, principalmente no que diz respeito às reflexões da personagem central. Como quase todas narrativas de *Casos e Impressões*, “Francisco” é condensado em um único episódio. Nessa história, em específico, limita-se às divagações do protagonista sobre um mendigo. Há ainda de se considerar que a história do mendigo Francisco se distancia das técnicas convencionais para o gênero, principalmente no que diz respeito à falta de linearidade, à fragmentação de assunto e ao abandono do tempo cronológico o que endossa a afirmação de que o escritor mantém em primeiro plano suas experiências estéticas e lingüísticas, que já vinham se processando nas primeiras divisões de *Casos e Impressões*, mas que nesse último grupo tornam-se mais avolumadas.

A cena principal, selecionada pelo autor para o núcleo do conto, é a de um sujeito, não nomeado, que dentro de seu quarto em uma noite de chuva, sente-se atormentado por questões morais e sociais desencadeadas pela lembrança de um mendigo que costuma morar em sua calçada. Desse ponto de partida será feita a focalização da personagem angustiada que se questiona sobre o seu mundo interior e exterior.

A meio a todas as lembranças e pensamentos, o leitor depara-se com a decepção da personagem frente à impossibilidade de mudança do destino da humanidade e, em sentido mais restrito, a impossibilidade de igualdade entre ela e o mendigo. O narrador, que é também personagem, mortificado pela insônia e aflito ao recordar sua inércia diante dos problemas sociais, revela a preocupação em retratar as emoções provocadas por elementos da realidade objetiva em seu íntimo, dando ênfase, sobretudo, ao drama existencial causado pela culpa, numa atmosfera de inquietude a qual perpassará por todo o conto.

Em “Francisco”, o leitor pode acompanhar, de muito perto, os sofrimentos do protagonista que, de acordo com Herman Lima, são, nos contos modernos, chamados de “heróis da consciência” (LIMA, 1969, p.111). Ao romper com a forma do conto tradicional, aquele atrelado ao episódio e a anedota, e preferir a narração dos estados da alma com ênfase no mundo interior das personagens, o conto moderno utiliza-se de procedimentos que, numa primeira leitura, obscurece a substância narrativa. Isso se dá pelo uso de uma linguagem introspectiva, concentrada na desordem do pensamento.

É por isso que Denise Mafra Gonçalvesⁱ afirma que nesse conto, por causa dos sucessivos trabalhos da consciência entre idas e vindas ao/do passado, haveria a presença da consciência em fluxo da personagem. Uma posição mais cautelosa é defendida aqui; acredita-se que a história, mesmo explorando elementos não organizados, é narrada de forma trabalhada pelo narrador. A linguagem pré-verbal que caracterizaria o fluxo da consciência não é encontrada nesse conto, portanto, essa técnica narrativa está ausente.

Aparentemente, o narrador organiza seus pensamentos em vista de um possível leitor, tentando alinhar a desordem do pensamento. Através das impressões, a personagem retrata os seus sentimentos de modo que ao leitor seja possível compreender muito proximamente tais sentimentos. Para que isso ocorra, é necessário, obviamente, um certo trabalho da prosa narrativa e isso será dado pela construção organizada da focalização do narrador.

De forma contrária, a consciência em fluxo é desorganizada e não há a mínima preocupação por parte do narrador com o leitor. O narrador do fluxo da consciência não tem interesse que seus sentimentos ou emoções sejam entendidos pelo leitor, ele não tem obrigação de se fazer entender por quem quer que seja. A narração da consciência em fluxo importa-se somente em narrar o que vem a mente da personagem, sem a preocupação se vai ou não ser entendido.

“Francisco” desvia da estrutura formal do conto por outros motivos, principalmente pela ausência de tensão, pelo desfecho inacabado e pela narrativa quase amórfica, além daquilo que já foi comentado: a falta de linearidade e abolição do tempo cronológico. O conto, um monólogo interior, onde o leitor é colocado desde o início dentro do pensamento da personagem, faz pouca alusão à realidade objetiva e quando a faz, tem como intenção demonstrar uma visão totalizante entre os dois universos da personagem: o das suas indagações e pesares e o universo que se apresenta como real.

Isso faz com que o narrador não se desvincule da matéria a ser narrada mesmo quando parece estar absorto em lembranças. Esse procedimento de intercâmbio entre o mundo objetivo e o subjetivo, próprio do estilo impressionista, revela a troca entre o ambiente e a impressão que esta causa ao narrador. Nesses momentos de devaneios, a intriga quase desaparece para dar vazão às sensações.

“Francisco” foi dividido pelo narrador em três momentos. No primeiro, a personagem é levada através dos pingos da chuva a lembrar-se do mendigo Francisco, desde o tempo quando o pobre morava em sua calçada até o dia em que ele foi retirado da rua por um guarda. Assim, de forma breve, através de um curto relato, o leitor já é capaz de compreender do que a história tratará. Está, portanto, revelado o recorte escolhido pelo autor para o desenvolvimento da narrativa.

Oh! eu me lembro o dia em que, ao lado do guarda, ele desceu a ladeira, mais indiferente do que trôpego, numa despersonalidade idiota...

E se foi para nunca mais voltar... (MAGALHÃES, 1963, p.166)

Já no segundo momento, a personagem continua elaborando suas lembranças de maneira que o mundo que a circula seja absorvido por seus pensamentos. No foco narrativo misturam-se pensamento e realidade. O narrador informa ao leitor que suas memórias são feitas enquanto está se deitando, preparando-se para dormir:

Depois, remexendo-me apagadamente sob as cobertas, num deslumbramento sinfônico de largas recordações surgidas em cortejo:

—“Ei-lo! Ei-lo em suas muletas, desengonçado, à beira da calçada! Ei-lo com sua cartolinha, espectral, acentuando em circunflexo o hiato da furiosa cabeleira, achatada, pedindo os horizontes, nos seus enferruscados anéis abertos cor de ouro velho!

E debaixo dela, no rosto longo, a barba em ponta — ei-lo! — e a barba exige a direita, numa atitude gritadora de libertação ! E os olhos verdes são de um brilho triste, como dois destroços de consciência, naufragando da oceânica miséria, apática, do resto...

Ei-lo, e o resto é um monturo de lixo que tem dois olhos verdes, de um brilho triste!...(MAGALHÃES, 1963, p.166).

Finalmente, no terceiro momento, o monólogo termina com a personagem quase que culpada pelo desventurado destino de Francisco.

Eu me lembro dele, como um pedaço de minha vida que se foi: como um pedaço da vida que não saboreei... que deixei ir... que mal percebi, adormecido, como sempre! (MAGALHÃES, 1963, p.167)

Em virtude de já situar o leitor dentro de seus pensamentos o eu-narrador, quando inicia as suas rememorações, tem a intenção de revelar seu mundo interior que está em desordem. Através das reflexões, o protagonista tenta reconstruir sua relação com o mendigo e, assim, ser capaz de entender suas concepções e ideologias.

A par dessas considerações, fica evidente que os pensamentos fragmentados da personagem, dentro de um quarto em uma noite chuvosa, divaga sobre as injustiças sociais. Ao barulho irritante da chuva que cai sobre telhado soma-se a imagem da figura do mendigo, impedindo o sono do narrador e provocando certa inquietação em seu íntimo, posto que se vê inerte diante de fatos sociais que o incomodam. Assim, o processo que desencadeia as reflexões da personagem se dá através do barulho da chuva no telhado.

— “Goteja! Goteja!

Pam! Pam! Pam!...

Enquanto a chuva cai, como um colosso de farelo através de monstruosa peneira, numa toada impertinente, choramingas e lúgubre; enquanto uma fiada apertadinha de pingos fiska o cimento lá, do outro da porta fechada; enquanto no ralo se estira o som oco e diluído da água a cair, — goteja, goteja mais forte lá, em cima no teto, sob a fresta de alguma telha partida.

Pam! Pam! Pam!...

E eu penso:

— “Onde estará? Viverá ainda?” (MAGALHÃES, 1963, p. 165-166)

Da mesma forma que em contos anteriores o recurso sonoro é utilizado, — à guisa de exemplo, tem-se “Chico-Vovó” em que barulhos de passos no corredor fazem com que a personagem volte ao passado e recorde suas relações familiares tumultuadas — em “Francisco”, será através do gotejar da chuva no teto, o momento desencadeador da narrativa. Ao cair da chuva, a personagem rememora o mendigo. Assim, ao ouvir os pingos da chuva o eu-narrador conta sua vida vista através de sua relação com o mendigo.

Na confusão psicológica em que a personagem se encontra, a angústia desse seu conflito interno aumenta na mesma proporção que os barulhos externos da chuva, “Pam! Pam! Pam”, fazendo, assim, crescer a angústia da personagem que se atormenta pelo destino do mendigo, que, na verdade, significa, também, preocupar-se com o seu próprio.

Nas noites de chuva, como esta, é que eu tinha mais pena do mísero! Oferecia-lhe a varanda, mas ele rejeitava com um “não” muito seco, alheio, importunado...

E lá se ficava, assentado ao portão, como se a noite fosse estrelada; como se a noite fosse a hospedaria dos mendigos, das outras vezes, em que há lamparinas pelo céu. Em que é a terra um grande colchão, duro, um tanto mais seco, contudo, do que ora!... (MAGALHÃES, 1963, p. 166)

A narrativa é estruturada de acordo com o barulho da chuva que, metaforicamente, martela o inconsciente da personagem, atormentando-a com a imagem do mendigo. As idas e vindas do pensamento, da memória e das reminiscências ajudam a elucidar essa particularidade. A narrativa em zigue-zague, característica da prosa de Adelino Magalhães, auxilia no processo da criação poética dessa história no intuito de acompanhar o ritmo do pensamento. Assim, o som do barulho da chuva no teto golpeia e dá ritmo às divagações na mente do eu-narrador, logo, o devaneio do narrador é comandado pelo ritmo da chuva.

Gotejava! E assim, mais um prego, mais outro prego e... outro fechem o vasto caixão das coisas idas, das misérias idas; daquelas, que na fúria de uma pertinácia minuciosa e incansável, sob a macabra fatalidade da luta, tal qual a toada desta chuva, foram rompendo o tempo, foram se afundando no infinito. (MAGALHÃES, 1963, p.161).

Nesse ambiente do quarto, o narrador sonolento que se deixa levar pelos seus pensamentos acerca de sua vida em relação à do homem pobre, percebe a realidade que o cerca através do ruído da chuva no telhado, que interrompe por instantes o desencadear do fluxo de seus pensamentos reflexivos e o traz de volta ao mundo objetivo. A cena principal de “Francisco”, dessa forma, vagueia pelo quarto do narrador e fixa-se no pensamento da personagem que reflete sobre ela e o mísero homem. Assim, a realidade objetiva é colocada em um plano menor e conto passa a trabalhar com os fragmentos passados da vida do protagonista sobrepondo-os uns aos outros no ato de pensar. Logo, a realidade subjetiva é colocada em evidência em “Francisco”.

A angústia provocada pela insônia, pelos pensamentos sobre Francisco e pela chuva é ponto chave para o entendimento do conto. A angústia pode ser gerada por vários motivos, vale salientar que esse sentimento é muito importante nos contos de Adelino Magalhães e, portanto, merece uma atenção diferenciada.

O sentimento que causa a angústia nessa personagem é a culpa. Em toda a história de “Francisco”, a angústia se apresenta tão eminente que, não exageradamente, leva a personagem quase à beira da loucura, visto que o eu-narrador parece não conseguir livrar-se dos pensamentos que o atormentam.

A angústia por uma culpa não está presente só em “Francisco”. Dentro da última divisão, da qual “Francisco” faz parte, outros dois contos têm como tema central a culpa, são eles: “Pássaro Morto” e “Loba”. Nessas duas histórias, as personagens se culpam por terem praticado atos covardes. Em “Pássaro Morto”, a personagem central culpa-se por, maldosamente, matar uma andorinha e esse sentimento a persegue em todos os momentos do conto:

Talvez ainda hoje, nada me impressione, tão esquisitamente, como o eco visual desse vôo; e nada me amargurou naquele dia tanto, e nos dias que e seguiram logo e nos dias que depois seguiram...

Nem a lembrança do fétido que a envolvia na manhã em que a arremessei podre, pela janela afora, com o lenço que agasalhara a derradeira esperança de sua ressurreição — nem a lembrança desse fétido fez cambalear em meu ânimo a impressão acenadora, saudosa e plangente da andorinha que, às toalhas, martirizei, em meu quarto! (MAGALHÃES, 1963, p. 163)

No conto “Loba”, o remorso da personagem é por, ele próprio, ter mandado embora seu animal de estimação, uma cadela dócil e amiga em oposição ao seu nome. A história inicia-se quando a personagem central vê na rua um animal parecido com Loba e reconstitui em sua memória a crueldade de que foi capaz, ou seja, rejeitar seu animal quando este adoecera. O que se vê no conto é um relato infeliz e angustiado da personagem arrependida de seus atos.

Um dia, os bichos atacaram-na e tivemos que soltá-la, à rua, longe de casa, na Lapa... Todos os remédios haviam sido ineficazes e os seus grandes pêlos ruivos e encaracolados haviam caído, um a um...

Mas daí a horas, enquanto jantávamos, as crianças se puseram a falar “dela” choramingando; e as senhoras da casa se comoveram também, querendo contundo animar os pequenos; e nós, os homens, meu irmão e eu, por fim, nos enterneecemos com as lembranças do pobre animal! Pusemo-nos a nos

recriminar, mutuamente, pela idéia de mandá-la por à rua, sem mais nem menos, sem considerações pela sua amizade anos; em considerações pela sua natureza mansa... mansa! (MAGALHÃES, 1963, p.165)

Em “Francisco”, a angústia, no desenrolar das memórias, começa a ser evidenciada pelo seu sentimento de culpa em virtude da desigualdade de condição social e material entre a personagem e o mendigo. A personagem deixa transparecer, tendo em vista o seu relato, que quer ser redimir de sua vergonha por ter uma casa e uma cama enquanto busca manter uma relação cordial com Francisco.

Quando oferece abrigo para o homem numa noite de chuva como aquela, o mísero recusa e o protagonista narra sua decepção:

Despeitado, voltava eu, com o eco daquela arrogância de vagabundo, com o eco daquela minha derrota ante a possibilidade de fazer o bem; voltava envolto no cobertor, pisando o cimento encharcado do jardim, apanhando a chuva fria e físgadora.(MAGALHÃES, 1963, p. 166)

No entanto, o mendigo rejeita a amizade da personagem o que a deixa em situação de humilhação. Nessa trilha, a miséria dos dois se interpenetra: a do mendigo, sua miséria social e material; a da personagem, uma miséria, do ponto de vista da consciência moral, que o acusa na sua subjetividade sobre as injustiças que acarreta o mendigo e da qual ela faz parte como uma impotente protagonista na restituição da justiça.

Por fim, Francisco, a imagem distante que vem à mente do protagonista através do barulho da chuva, traz à tona questões que o protagonista não quer se preocupar, pois o incomodam posto que se reconhece omissor perante a miséria de vida levada pelos que não tiveram as mesmas oportunidades. O mendigo parece também fazer essa ligação visto que nas recordações do protagonista, o mísero sempre o trata com frieza :

Às vezes, cumprimentava-o com carinho: secamente outras e por fim não o saudava mais, retribuindo com minha indiferença a invencível rudeza dele.(MAGALHÃES, 1963, p. 1967)

A rejeição de Francisco em relação às insistentes investidas do protagonista traz à luz um outro Francisco, o santo católico. Em “Francisco”, a aproximação entre o título e o santo cristão é quase inevitável. Segundo Le Goff, o santo de Assis, homem de posse, se faz pobre no intuito de, através do assistencialismo, resgatar a dignidade dos necessitados e criticar a riqueza da Igreja. (LE GOFF, 2001) No conto de Adelino Magalhães, a situação de Francisco é diferente, o mendigo não optou pela pobreza e rejeita o assistencialismo do protagonista.

A história do Francisco do conto é avessa à história do santo. Em “Francisco”, o mísero não dispõe de fortuna que possa se desfazer para seguir o caminho de penúria, ao contrário, a vida impõe as condições injustas para que ele seja miserável. Não há escolha para Francisco.

Ao repelir a ajuda da personagem central, Francisco parece entender o processo de exclusão social que vive e que é fruto de um sistema que, para se manter, gera, a cada dia, muitos outros Franciscos. O pobre, ao não aceitar ajuda do rico, parece não querer participar de um assistencialismo de fachada. A atitude do protagonista que quer praticar uma caridade apenas aumenta o fosso entre a pobreza e a riqueza, pois o narrador, através da pseudo-benevolência, quer desvencilhar-se da culpa por ser bem sucedido. Assim, sua ação não é voltada para o outro, mas sim para si próprio. Isso quer dizer que o efeito da ação da caridade serve para apaziguar a sua própria consciência, ou seja, o protagonista deseja se redimir frente sua omissão às injustiças. Em muitas das narrativas de Adelino Magalhães há uma indignação com a situação de penúria vivida pelos pobres. Porém, em “Francisco”, as dúvidas do narrador repercutem de maneira que as evocações da subjetividade se sobrepõem ao questionamento social, diferentemente do que é feito, por exemplo, por Lima Barreto. A narração intimista de “Francisco” acaba por abafar essa incidência o que poderia sugerir apenas que o narrador se compadece de um mendigo sem, no entanto, pretender criticar ou indagar sobre o porquê da miséria do outro.

De acordo com Brayner, isso se dá porque a visão que Adelino Magalhães “tem da alienação e da pobreza é uma confusa mistura de caridade e utopia social: lamenta, acusa os ricos, aponta as injustiças mas sempre numa tonalidade exortativa e pouco aprofundada na realidade das contradições do País” (BRAYNER, 1979,

p.221). Mesmo que essa particularidade fique evidenciada em “Francisco”; em outros contos, o escritor não envolve a realidade social com a máscara da subjetividade o que permite uma focalização mais nítida dos problemas vividos pela população pobre do Rio de Janeiro, do começo do século passado.

Voltando ao conto em questão, a narração em círculos que sempre se volta sobre os mesmos pensamentos — a noite, a chuva, o mendigo, a omissão do narrador, a rudeza do mundo — é, finalmente, interrompida sem qualquer preocupação com um final conclusivo:

Há quanto tempo, não falava com ele, não pensava nele, não o via!...

Ele não saíra entanto, um dia que fosse, dessa rua em que moro; sobre cujo calçamento escuto o teimoso pingar da chuva...

Pam! Pam! Pam!

E lá, em cima, no teto do quarto, goteja!goteja!... (MAGALHÃES, 1963, p.168)

Dessa modo, o conto chega ao final sem o tradicional desenlace. É pertinente salientar que seria impossível um final acabado frente as inúmeras dúvidas que assolam o espírito do protagonista. “Francisco” mergulha profundamente dentro da consciência do narrador e de lá traz à tona mais incerteza do que respostas para suas angústias.
